

de Rubem Braga

COM DESENHOS DE CARLOS THIRÉ

nem levo nenhum amor humano. Amizades, sim; ternuras, muitas. E agora, que me disponho a partir, essas ternuras se fazem mais doces. Penso principalmente em duas ou três pessoas e me pergunto, com melancolia, se meu destino não seria amar longamente essa moça alta, bela e simples que me fêz estremecer desde o primeiro instante em que a vi — ou aquela outra de testa séria e nome inglês a quem deixo como herança meu cavalete de aluno de desenho.

Vou-me. Esquecerei, com certeza, seus nomes; tenho a triste experiência dos homens maduros e viajados e, como sempre, no fundo do velho coração cigano, sinto aquela estranha, indefinível, amarga volúpia de partir. Olho lá em baixo a esquina de Agustina e Ahumada fervilhando de gente no fim da tarde de ouro. Um homem qualquer, entre centenas, dobra a esquina, some-se, no rumo de seu destino banal. Aquêles homem sou eu — e do alto de minha janela solitária eu me despeço dêle com um olhar em que talvez haja alguma pena.

A POESIA É NECESSÁRIA

O TOURO DA MORTE

*Negro touro saudoso de feridas
Chifrando-lhe à água azul suas paisagens
E revisando cartas e equipagens
Aos trens que passam rumo das corridas:*


*Que sonhas em teus cornos, que escondidas
Ânsias lhes arrebolam as viagens,
Que sistema de regos e drenagens
No mar ensaiam tuas investidas?*

*Nostálgico de um homem com espada,
De sangue femoral, gangrena feia,
Já ninguém há a deter-te o passo forte,*

*Corre, touro, ao oceano, investe, nada
E a um toureiro de espuma e sal e areia,
Já que intentas ferir, fere e dá morte.*

RAFAEL ALBERTI

TRADUÇÃO DE MANUEL BANDEIRA



ESQUINA

Santiago, dezembro (Pela Panair do Brasil) — Mande um telegrama para o Brasil me demitindo. Agora estou sozinho em minha sala, no sétimo andar, olhando o movimento da rua Agustinas, lá em baixo. São sete horas, e o sol primaveril ainda é vivo e alegre; pela esquina de Ahumada flui a multidão. E eu compreendo que vou ter saudade desta rua, desta esquina, desta cidade.

“Le gusta Chile? Se acostumbra?” — São as perguntas ingênuas que todo chileno faz ao forasteiro. Respondo agora, falando não aos

chilenos, mas aos brasileiros: sim, eu gosto do Chile; eu estava me acostumando com o Chile. Não será um fato raro; tenho carinho por muitas cidades, me comovo à-toa pensando numa rua de Cachoeiro, numa ponte de Paris, numa fonte de Roma. E me acostumar até hoje só não me acostumei com cadeia. Mas um amor não tem nada a ver com outro; dentro de meu coração multi-fiel Santiago ficará como a lembrança de uma mulher muito linda que só me fêz bem.

Aquí vivi muitos meses, e não deixo nem

